

HELMUT ORTNER

O HOMEM
QUE QUERIA
MATAR HITLER

Tradução de
Paulo Mendes

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *O Homem Que Queria Matar Hitler*

Título original: *Der Einzelgänger*

Autor: Helmut Ortner

Tradução: Paulo Mendes

Fotografias © Arquivo da Resistência Alemã, Berlim; Serviços de imagem

Süddeutscher Verlag; Serviços de imagem Ullstein; Privado

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Vera Braga / Alma dos Livros

Imagem de Capa: Pictorial Press Ltd / Alamy Stock Photo

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 471396/20

1.ª edição: agosto de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

Para a Ulla e a Jennifer. Elas sabem porquê.

ÍNDICE

Capítulo Um: A Detenção	13
Capítulo Dois: A Tentativa de Homicídio	21
Capítulo Três: Os Interrogatórios.....	37
Capítulo Quatro: Um Povo, um <i>Reich</i> , um <i>Führer</i>	47
Capítulo Cinco: A Confissão	57
Capítulo Seis: Assunto Secreto da Gestapo	71
Capítulo Sete: Os Anos de Königsbronn	81
Capítulo Oito: Partida	91
Capítulo Nove: Regresso a uma «Aldeia Alemã»	103
Capítulo Dez: A Decisão – O Plano	123
Capítulo Onze: As Noites na Cervejaria	145
Capítulo Doze: «Interrogatório Intensificado»	167
Capítulo Treze: A Morte do Recluso E. em Prisão Preventiva...	179
<i>Epílogo: Georg Elser, um Homem sem Ideologia.....</i>	<i>193</i>
<i>Cronologia</i>	<i>203</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>207</i>

A vida nivela todos os homens. A morte revela os eminentes.

George Bernard Shaw

Capítulo Um

A DETENÇÃO

Havia um ténue nevoeiro na fronteira. Xavier Reitlinger, o agente aduaneiro, ergueu o olhar dos arbustos até à vedação de arame, que parecia estranha à luz do candeeiro de arco voltaico.

– Se pusermos as cadeiras aqui, vamos poder ficar de olho na zona e ouvir o discurso – declarou Reitlinger enquanto gesticulava por cima de Zapfer, um jovem funcionário assistente da alfândega que lhe fora destacado dois dias antes. Zapfer movimentou as duas cadeiras para debaixo da janela e, sem dizer palavra, sentaram-se e encostaram as carabinas à parede do edifício. Dali conseguiam vigiar toda a zona de patrulhamento: o jardim do orfanato de Wessenbergian, com 225 metros de comprimento paralelos à fronteira e com não mais de 45 de largura. Ali não se passava. Os agentes aduaneiros chamavam «Fronteira Verde» àquela faixa fronteiriça.

Há quatro anos que Reitlinger cumpria o seu dever. Ao longo desse período, não enfrentara incidentes graves. Agora, porém, desde que começara a guerra, os desertores andavam a fugir para a Suíça. Por vezes imaginava como seria deter uma dessas pessoas que atravessavam ilegalmente a fronteira. Depois perguntava a si mesmo se esse desejo resultaria do tédio persistente das horas de patrulha ou da sua necessidade secreta de que algo imprevisto, algo excitante, finalmente acontecesse. Uma simples palavra de apreço pelo seu trabalho – quem não precisava disso? Mas como podia ser louvado se nada acontecia na fronteira? Quando fazia as suas rondas ao longo da vedação da raia, Reitlinger perdia-se a

sonhar. Como passava horas a fio a contemplar as mesmas casas, árvores e montanhas, parecia que o tempo parava. Quando o estado de espírito a isso o predispunha, contava os pensamentos e os sonhos à mulher. Algumas semanas antes, ao pequeno-almoço, falara-lhe de um sonho que tivera na noite anterior sobre a detenção de um homem.

– Parece-me que precisas de uma mudança, senão vais continuar com fantasias – retorquira ela, a abanar a cabeça.

Nesse dia, depois do pequeno-almoço (apesar de ser o seu dia de folga), foi ao posto alfandegário contar o seu sonho a Trabmann, o chefe dos guardas.

– Devias experimentar fazer o turno da noite, acontecem mais coisas do que durante o dia, isto quando acontece alguma coisa – aconselhou-o Trabmann. Homem robusto que não aparentava os 50 anos que tinha, Trabmann contou-lhe como, alguns anos antes, detivera pessoalmente com um colega dois indivíduos que atravessavam ilegalmente a fronteira em Kreuzlinger Tor.

– Estavam a tentar saltar a vedação, mas nós fomos mais rápidos – afirmou com orgulho. – E que ganhámos com isso? Um belo aperto de mão. – Trabmann sorriu com ironia.

No dia anterior, depois de há muito ter esquecido o assunto, Reitlinger tinha sido chamado ao gabinete do chefe dos guardas. Trabmann perguntou-lhe então se ainda queria fazer o turno da noite, uma vez que um colega estava de licença. Reitlinger aceitou de imediato. Nesse dia, apresentou-se para, com Zapfer, realizar o turno da manhã entre as oito horas e o meio-dia. Depois desse trabalho de rotina, ficou livre até ao início do turno da noite, às oito horas. Reitlinger e Zapfer encontraram-se no Löwe, mesmo ao lado do posto alfandegário. Falava-se de política e do facto de os Alemães precisarem de *Lebensraum* (espaço para viver). O dono da tasca gritou:

– Mas é claro, que outra forma tem o nosso povo de subsistir?

O jovem Zapfer assentiu com a cabeça.

Depois de comerem, foram para o posto alfandegário e tiraram as carabinas da prateleira. Reitlinger recebeu uns óculos de visão noturna da mão do chefe dos guardas e encaminharam-se para a zona de patrulhamento.

– Hoje não nos vamos aborrecer – declarou Reitlinger a Zapfer enquanto caminhavam lentamente ao longo da vedação da fronteira.

– Falei com a diretora do orfanato e ela convidou-nos para ouvir o discurso do *Führer* na Bürgerbräu.

Sentaram-se em cadeiras frente à janela aberta e contemplaram o prado fronteiriço, algo obscurecido por alguns farrapos de nevoeiro. No interior do orfanato, debaixo de um retrato do *Führer* pendurado na parede da divisão vazia de mobília, os funcionários seguiam atentamente o discurso de Hitler no chamado *Volksempfänger*, o recetor de rádio do povo. Ao reparar com surpresa que a luz estava acesa, Zapfer perguntou:

– Porque permitem que a luz esteja acesa aqui?

Reitlinger, que movimentava a cabeça para a direita e para a esquerda a intervalos regulares, baixou o binóculo dos olhos.

– Hoje têm de desligar as luzes do outro lado. Alternam todas as noites por causa do inimigo. Afinal, não queremos facilitar-lhes a vida aqui em Konstanz. São essas as ordens. Hoje são eles, amanhã somos nós.

Zapfer estava envergonhado de ter feito a pergunta. Uma vez que em breve seria agente aduaneiro, já devia saber aquilo. Reitlinger, todavia, não era impiedoso, o que tranquilizou Zapfer.

A voz potente de Hitler ressoava no rádio.

A nossa vontade é tão indomável na luta externa como foi na luta interna pelo poder. Nessa altura, disse-vos sempre que tudo era possível, com uma exceção: a nossa capitulação. E hoje, enquanto nacional-socialista, só posso repetir ao mundo que tudo é possível – uma capitulação alemã, nunca! Àqueles que me dizem: «Então a guerra durará três anos», eu respondo – dure o que durar. A Alemanha nunca capitulará – nem agora, nem no futuro...

– Nunca! – gritou uma voz na sala. Os ouvintes bateram na mesa de madeira com as palmas das mãos. Os dois agentes aduaneiros estavam mais pensativos, nenhum disse palavra. O relógio de parede indicava agora que eram oito e meia, e a visibilidade aumentara. Do lado suíço, viam-se dois candeeiros públicos acesos, e os traços de luz alcançavam a vedação da fronteira. Quando Reitlinger olhou para a esquerda por um instante, pareceu-lhe vagamente ter visto o vulto de um homem a dirigir-se para a fronteira suíça. Estaria alguém ali? Levou o binóculo aos olhos. De facto, o homem tinha parado e estava a olhar em volta com cautela.

Reitlinger deu um toque em Zapfer com o braço e passou-lhe o binóculo.

– Olha, vêς aquele homem?

Zapfer pôs o binóculo em frente aos olhos.

– Temos de lá ir, passa-se ali algo de estranho...

Reitlinger reagiu com aspereza:

– Eu vou. Tu ficas aqui.

Era o seu trabalho, a sua responsabilidade. Levantou-se num pulo e desceu do terraço até à pereira rente à vedação. O homem ainda estava ali parado, como se tentasse ouvir ruídos.

Reitlinger aproximou-se à socapa, por trás.

– Olá! – gritou-lhe. – Para onde vai?

O homem voltou-se. Respondeu a gaguejar:

– Creio que me perdi.

Reitlinger examinou-lhe o rosto – tinha uma cara alongada, de traços suaves, sem barba, com olhos quase tímidos. Recuou alguns passos e examinou o homem. Era de baixa estatura, magro, e vestia um casaco, mas tinha a cabeça descoberta. O cabelo era ligeiramente ondulado e penteado para trás. Não, aquele homem não parecia agressivo...

Pareceu recuperar rapidamente do susto. Com a voz calma, reiterou que se perdera.

– Estou à procura de um homem chamado Feuchtlhuber, mas já não sei onde estou exatamente.

Por um instante, Reitlinger ficou confuso. Ninguém podia chegar ali por descuido. Era algo que só podia acontecer de propósito. Quem é que anda a deambular às escuras pela fronteira?

– Pois, mas não pode procurar aqui, não há aqui ninguém – respondeu abruptamente. – Tem documentos de identificação? Mostre-me os seus documentos, por favor.

O homem reagiu de imediato e alcançou o bolso esquerdo do casaco. Reitlinger acompanhou atentamente as mãos do estranho. Estaria prestes a sacar de uma arma? A apanhá-lo de surpresa? Susteve a respiração. O homem sacou desastradamente de um cartão encarnado de passagem de fronteira. À luz da lanterna, Reitlinger viu logo que o cartão caducara há muito: tinha sido emitido pelo Gabinete de Emissão de Passaportes da Câmara Municipal de Konstanz por um período de dois anos, 1933-1935, ao titular Georg Elser.

– É mesmo você? – inquiriu Reitlinger, cético. A fotografia do cartão mostrava um jovem vestido com um traje tradicional, com um acordeão preso aos ombros, à sua frente.

– Sim, sou eu – respondeu o homem, a assentir vigorosamente com a cabeça.

Reitlinger olhou na direção de Zapfer, que ainda estava sentado em frente à janela, à espera de um qualquer sinal. Sentiu-se desconfortável. Por um lado, aquele homem não parecia perigoso. Parecia até tímido. Por outro, não podia conceber que fosse apenas alguém inofensivo a atravessar a fronteira. Não tivera aquela visão num sonho algumas semanas antes? Não tinha sido quase idêntica à situação que agora acontecia? O sonho não era sobre alguém que atravessava ilegalmente a fronteira? Teria sido uma visão profética?

Voltou-se novamente para o homem:

– Sabe mesmo tocar acordeão? – perguntou, fingindo-se interessado.

– Sei, é a minha grande paixão. Gosto muito de tocar – respondeu com um sorriso ténue.

Entretanto, Reitlinger concluía que tinha de levar aquele homem, o alegado Georg Elser, ao Gabinete de Supervisão com o mínimo de confusão possível. Deu-lhe uma palmada amistosa no ombro e disse:

– Não há problema absolutamente nenhum. Venha comigo ao Gabinete de Supervisão. Está lá um colega mais velho que decerto será capaz de o informar sobre o homem que procura.

O homem magro assentiu distraidamente. Reitlinger gritou na direção de Zapfer:

– Vou com ele ao Gabinete de Supervisão. Tu ficas aqui, que eu volto já.

Zapfer acenou indicando que percebera, satisfeito por ali ficar, pois poderia continuar a ouvir o discurso do *Führer*.

Reitlinger disse ao homem que alegava ser Georg Elser para caminhar do seu lado direito, e por um bom motivo. A alfândega da Kreuzlinger Strasse ficava a 130 metros e ele nem a dez metros estava da fronteira, paralela ao caminho estreito. Do seu lado direito havia uma série de jardins limitados por vedações de madeira, pelo que não havia fuga possível por esse lado, e também não seria viável fugir pelo caminho por onde tinham vindo. A ordem para Zapfer ficar no seu posto tinha sido deliberada, uma vez que, se tentasse fugir, o

homem correria diretamente até ele. Ainda assim, Reitlinger ficou aliviado por chegar à alfândega. Mauer, o polícia de fronteira, um agente da Gestapo seco e musculado que estava de serviço, saía nesse momento do edifício para apanhar ar fresco.

– Tu, Mauer, anda cá! – chamou Reitlinger. – Este senhor está à procura de alguém chamado Feuchtlhuber. Perdeu-se junto à fronteira. Conheces alguém chamado Feuchtlhuber?

Irritado, Mauer apontou para a porta:

– Vamos tratar disso lá para dentro.

O posto alfandegário era um edifício decrépito de dois andares. No andar de cima vivia o inspetor alfandegário Straube, de quem Reitlinger não gostava, uma vez que o achava desagradável e presunçoso. O edifício tinha duas entradas: uma para o apartamento privado de Straube e outra para o Gabinete de Investigação Alfandegária. A sala estava quase vazia, com exceção de uma secretária, um telefone, cadeiras, prateleiras e um retrato do *Führer* na parede.

Reitlinger mostrou o cartão vermelho de travessia de fronteira a Mauer.

– É melhor revistá-lo outra vez. Tenho de voltar para a zona de patrulha.

Mauer mostrou-se irritado.

– Acaba o teu trabalho! Quero lá saber deste homem e do seu Feuchtlhuber ou lá como é que ele se chama... – Com maus modos, devolveu o cartão de travessia de fronteira ao homem.

Reitlinger encolheu os ombros.

– Não é comigo. Eu trouxe cá o homem, agora é a tua vez...

– Vamos até ao posto aduaneiro principal. As salas aí são mais iluminadas. Aqui não se vê nada – resmungou Mauer enquanto apontava para o candeeiro de teto que mal iluminava a divisão.

Saíram os três do edifício. Reitlinger caminhava à frente, seguido do homem, que parecia muito pequeno em comparação com os seus guardas e nada dissera nos últimos minutos. Mauer seguia atrás dele.

O edifício que albergava o posto aduaneiro principal era o último em solo alemão. A Suíça ficava a menos de 15 metros. Não havia qualquer barreira. Era frequente ver os agentes aduaneiros suíços em frente à sua alfândega a olhar para o outro lado da fronteira. No passado, era comum os funcionários dos dois lados falarem uns

com os outros. Nas noites frias de inverno, trocavam chá quente e cigarros. Eram colegas, mas, nos anos recentes, quase não mantinham contacto e desde o início da guerra não trocaram palavra. Os agentes permaneciam em silêncio, frente a frente.

Também naquele instante, enquanto Reitlinger e Mauer diziam ao homem que entrasse no posto alfandegário, os colegas suíços observavam em silêncio.

– Entre! – ordenou Reitlinger.

O homem deteve-se em silêncio perante os degraus e olhou para o lado suíço. Estaria a pensar em escapulir-se? Com alguns saltos, seria possível. Reitlinger empurrou-o simplesmente porta adentro. Em seguida, pediu a Mauer que se mantivesse de olho no homem por um instante e informou o chefe dos guardas, que tinha o gabinete na sala ao lado e estava a ouvir o discurso de Hitler na rádio.

– Trabmann, acho que fiz uma boa captura. Anda, temos de revistar alguém – declarou Reitlinger, com uma ponta de orgulho, enquanto entrava de rompante no posto. Como ambos se lembravam da conversa de há algumas semanas, não conseguiram conter uma gargalhada. As visões no sonho...

– Bem, vamos lá então – respondeu Trabmann, levantando-se da cadeira e encaminhando-se para a sala de investigação.

O homem lá estava. Olhava em redor timidamente enquanto os três guardas fardados o observavam: Mauer, Trabmann e Reitlinger.

Trabmann acercou-se dele.

– Ora, para começar, dispa-se totalmente e esvazie os bolsos.

Hesitante, o homem despejou os bolsos e colocou os objetos um a um em cima da mesa: um lenço, o cartão de travessia de fronteira, um postal ilustrado da cervejaria Bürgerbräu de Munique, com o carimbo postal do Partido Nazi, uma carteira com cinco *reichsmarks*, bem como uma variedade de peças metálicas – uma mola, parafusos pequenos e um pequeno tubo de alumínio.

– Que é isto? – perguntou Reitlinger, apontando para aquela parafernália.

– Por amor de Deus – explicou o homem hesitantemente –, o meu trabalho é reparar coisas mecânicas. Sempre fiz coisas assim, coleciono todo o tipo de...

Furioso, Trabmann gritou:

– Tens sorte de eu não te dar uma cacetada! Achas que não sei o que isso é?

O homem calou-se. Lentamente, começou a despir-se. Trazia um fato claro, algo gasto. Quando se dirigia ao cabide da porta para pendurar o casaco, Reitlinger reparou num crachá debaixo da lapela: um punho fechado, o símbolo da Liga dos Combatentes da Frente Vermelha.

– Porque é que traz essa insígnia? – perguntou Trabmann.

– Olhe, por tolice – foi a resposta submissa.

– E porque traz consigo um postal da Bürgerbräu com o carimbo do partido?

– Porque sou simpatizante!

Reitlinger, Trabmann e Mauer entreolharam-se, a abanar a cabeça. Que tipo de pessoa é que se perde no escuro junto à fronteira, traz consigo um cartão de travessia de fronteira caducado, tem pequenas peças suspeitas no bolso que podiam servir de detonadores de bomba e espeta um crachá comunista ilegal no casaco? Um louco? Um gabarolas? Ou apenas um homem inofensivo que se perdeu por ali?

Trabmann dirigiu-se ao telefone e ligou para o assistente aduaneiro Obertz.

– Liga para a Gestapo. Está aqui um homem para recolherem. Isto é com eles... E manda também os objetos que aqui estão em cima da mesa – ordenou secamente. Depois abandonou a sala de investigação com Mauer.

* * *

Reitlinger voltou para a sala contígua onde, à chegada, pousara a capa impermeável, a carabina e o binóculo. Enquanto se preparava para voltar ao serviço, espreitou pela fresta da porta para a sala do lado. Ali estava o homem que capturara há pouco mais de uma hora no campo fronteiriço. Lá estava, de pé, em roupa interior, gelado, tímido. Parecia desesperado. Por um breve instante, olharam um para o outro.

Reitlinger abandonou o posto alfandegário e caminhou no escuro até à sua zona de patrulha, onde era aguardado por Zapfer.

«Quem é este tipo?», perguntou mentalmente. «Quem é este Georg Elser?»